

JEAN-PAUL SARTRE E A “EXPLICAÇÃO DE O ESTRANGEIRO” DE ALBERT CAMUS

LEANDSON VASCONCELOS SAMPAIO¹

Resumo: Em 1943 o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) escreveu o texto intitulado “Explicação de ‘O Estrangeiro’”, no qual faz uma análise do romance *O Estrangeiro* (1942) do filósofo franco-argelino, que mais tarde seria Prêmio Nobel de Literatura, Albert Camus (1913-1960), fazendo um paralelo entre a Filosofia e a Literatura camusiana, demonstrando a relação entre o romance do então jovem escritor e o ensaio “O Mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo” (1943). Sartre trata em seu texto, sobretudo, das categorias acaso e contingência, relacionando-as com a ideia de absurdo desenvolvida por Camus em seu ensaio e nas entrelinhas de seu romance, situando a Filosofia e a Literatura camusiana em certa tradição de escritores clássicos, como Blaise Pascal (1623-1662) e os filósofos moralistas franceses do século XVII e também com a Literatura americana, como, por exemplo, Ernest Hemingway (1889-

¹Mestre em Filosofia Universidade Federal do Ceará (UFC). leandson@hotmail.com

1961), demonstrando assim que Camus desde jovem buscava o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, relacionando Filosofia e Literatura como método de filosofar, rompendo com a tradição racionalista tanto no conteúdo de sua Filosofia, quanto na forma. Desse modo, buscamos à luz de Sartre uma leitura das obras de juventude de Camus que demonstra também uma aproximação teórica entre os dois filósofos, que mais tarde seria rompida, mas que as suas inquietações iniciais ainda continuam presentes e atuais. Como o objetivo do texto é mostrar apenas a análise de Sartre em *Explicação de ‘O Estrangeiro’*, nossa abordagem aqui se limita ao conteúdo do texto sartreano, enfatizando ênfase às suas interpretações dos conteúdos dos textos dos autores citados.

Palavras-chave: Filosofia Literatura; Absurdo.

Sartre inicia “A Explicação de O Estrangeiro” situando o romancista-filósofo franco-argelino em seu contexto geográfico, ou seja, fora do eixo europeu, fazendo a relação com o próprio título do romance, colocando o contexto do livro como um estrangeiro ele próprio, vindo do Norte da África, mas escrito em francês, situado na época em que a Argélia ainda era colônia francesa. Diz Sartre:

Mal saiu da tipografia, *O Estrangeiro (L'Étranger)*, de Albert Camus, teve o maior sucesso. Dizia-se e repetia-se que era “o melhor livro desde o armistício”. Entre a produção literária da época, esse romance era ele próprio um estrangeiro. Chegávamos do outro lado da linha, do outro lado do mar; falava-nos do sol, nessa desabrida Primavera sem carvão, não como duma maravilha exótica, mas com a familiaridade cansada de quem o gozou bastante; (SARTRE, 1968, p. 87).

Ou seja, desde o título, dentro do contexto em que estava situado, para Sartre, o romance de Camus era em princípio “estranho”, sendo este caráter de estranheza demonstrado em sua personagem principal, Meursault, como uma ambiguidade. A personagem demonstra certa ironia na medida em que ao mesmo tempo em que é um assassino, mostra também ao leitor sua inocência. É sobre o sentido desta ironia de Meursault que Sartre analisa inicialmente o romance, levando em consideração o ensaio *O Mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo*, escrito no mesmo período, no qual Camus faz uma análise particular de uma categoria que perpassa pela filosofia do romance *O Estrangeiro*, no caso, o

absurdo. Neste horizonte, para Sartre, a personagem Meursault é compreendida primeiramente a partir do absurdo. Diz ele:

Albert Camus, em *O Mito de Sísifo* (*Le Mythe de Sisyphe*), aparecido alguns meses depois, deu-nos o comentário exato de sua obra: a personagem não é boa nem má, nem moral nem imoral. Estas categorias não lhe convêm: faz parte duma espécie muito particular a que o autor reserva o nome de absurdo. (SARTRE, 1968, p. 88).

O absurdo camusiano, na análise de Sartre, possui dois significados: “é simultaneamente um estado de fato e a consciência lúcida que algumas pessoas tomam desse estado. É ‘absurdo’ o homem que, dum absurdo fundamental, retira sem desfalecimento as conclusões que se impõe.” (SARTRE, 1968, p. 88). Neste sentido, o absurdo, a partir de *O Mito de Sísifo*, possui dois polos: um *estado de fato* e a *lucidez consciente* desse fato. E é desta relação entre o estado de fato no mundo e a consciência que o absurdo manifesta-se, o que demonstra que em um primeiro momento o absurdo é visto como um divórcio com o mundo, ou seja, entre a consciência lúcida e a natureza, entre a finitude humana e a infinitude do mundo. Com efeito, partindo da análise do romance em complemento com o ensaio, Sartre faz a reflexão sobre o absurdo no sentido dado nas obras de Camus:

O absurdo primeiro manifesta antes de tudo um divórcio: o divórcio entre as aspirações do homem para a unidade e o dualismo insuperável do espírito e da natureza, entre o impulso do homem para o eterno e o caráter *finito* da sua existência, entre a “preocupação” que é a sua própria essência e a inutilidade dos seus esforços. A morte, o pluralismo irredutível das verdades e dos seres, a inteligibilidade do real, o acaso, eis os polos do absurdo! (SARTRE, 1943: 88).

Assim, Sartre observa nos escritos de Camus a categoria do *acaso*, presente tanto na escrita romanesca camusiana quanto em seu ensaio, colocando Camus dentro de certa tradição de pensadores franceses na linha do “pessimismo clássico” do século 17². Neste sentido é que para Sartre o então

²Diz Sartre: “Na verdade, estes temas não são muito novos, e Camus não os apresentam como tal. Foram enumerados, desde o século XVII, por uma espécie de razão seca, curta e contemplativa, que é tipicamente francesa: constituíram lugares-comuns no pessimismo clássico. Não é Pascal que insiste na ‘infelicidade natural da nossa

jovem Camus está na linha dos moralistas franceses. “Pelo estilo gelado do *Mito de Sísifo*, pelo assunto dos seus ensaios, Camus coloca-se na grande tradição desses moralistas franceses a que Andler chama com razão os precursores de Nietzsche” (SARTRE, 1968, p. 88-89). Para Sartre, o estilo camusiano e a sua originalidade não se encontram, então, nos temas por ele abordados,

[...] a sua originalidade consiste em ir até o fim das ideias: com efeito, não se trata para ele de fazer coleção de máximas pessimistas. É certo que o absurdo não está nem no homem nem no mundo, se o tomarmos separadamente; mas como a característica essencial do homem é “estar-no-mundo”, o absurdo acaba por identificar-se completamente com a condição humana. Assim, não é primeiramente objeto duma simples noção: é-nos revelado por uma iluminação desolada. (SARTRE, 1968, p. 89-90).

Com efeito, para Sartre, o absurdo, no sentido camusiano, desvela uma face da nossa condição enquanto seres finitos diante da infinitude do mundo. Estar no mundo é também aceitar esta condição. Entretanto, diante desta “lucidez sem esperança” (SARTRE, 1968, p. 90), frente a estas evidências, o homem absurdo é levado também a uma recusa, que é a recusa da “ajuda enganosa das religiões ou das filosofias existenciais” (SARTRE, 1968, p. 90), recusando também o suicídio: “Mas não é apenas isso: é uma paixão do absurdo. O homem absurdo não se suicidará: quer viver, sem renunciar a nenhuma das suas certezas, sem porvir, sem esperança, sem ilusão e também sem resignação. O homem absurdo afirma-se na revolta” (SARTRE, 1968, p. 91). Ou seja, na análise de Sartre, as certezas que o homem absurdo encontra, que poderiam conduzi-lo à renúncia, à morte, ao contrário, levam-no a afirmar a vida, a revoltar-se e a recusar o suicídio. O absurdo é, então, uma paixão que possui uma aceitação e uma recusa, afirmando a vida.

Em alusão indireta à Dostoievsky, seguindo o raciocínio de Camus, Sartre também avalia a filosofia camusiana a partir de uma “ética da quantidade”, extraída, de certo modo, da noção de absurdo, na medida em que o absurdo também revela uma libertação, ao fazer a equivalência dos valores frente à certeza da morte como evidência constatada pelo homem absurdo. “Tudo é permitido, visto que Deus não existe e se vai morrer. Todas as experiências são equivalentes, mas convém adquirir a maior quantidade

condição débil mortal e tão miserável que nada nos pode consolar quando pensamos nela de perto”? Não é ele que põe a razão no seu lugar?”. (SARTRE, 1968, p. 88).

possível delas.”. (SARTRE, 1968, p. 91). Ou seja, diante da certeza do presente e da certeza do perecer, para o homem absurdo, viver equivale a acumular a maior quantidade de experiências possíveis, mas *inocentemente*. “Todos os valores se desfazem perante esta ‘ética da quantidade’; o homem absurdo lançado neste mundo, rebelde, irresponsável, ‘nada tem que justificar’. É *inocente*.”. (SARTRE, 1968, p. 91). E é neste sentido que Sartre compreende a inocência de Meursault em *O Estrangeiro*, à luz de *O Mito de Sísifo*. Diz Sartre:

Um inocente em todos os sentidos da palavra, um “idiota” também, se assim quiserdes. E desta vez compreendemos plenamente o título do romance de Camus. O estrangeiro que quer descrever é justamente um desses terríveis inocentes que constituem o escândalo de uma sociedade porque não aceitam as regras do seu jogo. Vive entre os estrangeiros, mas para eles é também um estranho. Por isso alguns o amarão, como Marie, sua amante, que lhe tem afeto “porque é bizarro”: e por isso, também, outros o detestarão, como essa multidão de sedentários cujo ódio ele sente imediatamente. E nós mesmos, que, ao abrir o livro, ainda não estamos familiarizados com o sentimento do absurdo, em vão tentaríamos julgá-lo segundo as normas habituais; achamos também que é um estranho. Por isso alguns o amarão, como Marie, sua amante, que lhe tem afeto “porque é bizarro”: e por isso, também, outros o detestarão, como essa multidão de sedentários cujo ódio ele sente imediatamente. E nós mesmos, que, ao abrir o livro, ainda não estamos familiarizados com o sentimento do absurdo, em vão tentaríamos julgá-lo segundo as normas habituais; achamos também que é um estranho. (SARTRE, 1968, p. 91-92).

Nesta perspectiva sartreana, Meursault é uma personagem que não joga o jogo da sociedade como se faz habitualmente e por isso é considerado alguém estranho, deslocado do mundo comum que o cerca, ao mesmo tempo em que é também um homem comum entre os outros homens. Porém, para Sartre, “*O Estrangeiro* não é um livro que explica: o homem absurdo não explica, descreve. Também não é um livro demonstrativo. Camus limita-se a propor e não lhe importa justificar o que é, por princípio, injustificável.”. (SARTRE, 1968, p. 92). Desse modo, para Sartre, *O Estrangeiro* “não é um romance de tese; não emana dum pensamento ‘satisfeito’ que seja interessado em fornecer os seus documentos justificativos; mas é, pelo contrário, o produto dum pensamento ‘limitado, mortal e rebelde’”. (SARTRE, 1968, p. 92). *O Estrangeiro* é um romance que trata da contingência, na medida em que Camus, como “criador absurdo

perdeu inclusivamente a ilusão de que sua obra é necessária.”. (SARTRE, 1968, p. 93). Assim, comenta Sartre:

Teria podido não existir: como essa pedra, esse fio de água, ou aquele rosto; é um presente que se dá, simplesmente, como todos os presentes do mundo. Nem sequer tem aquela necessidade subjetiva que os artistas gostam de reclamar para as suas obras dizendo: “Não podia deixar de fazê-la, pois tinha de libertar-me dela”. Reencontramos aqui, filtrado pelo crivo do sol clássico, um tema do terrorismo surrealista: a obra de arte é apenas uma folha arrancada a uma vida. Exprime-a, com certeza: poderia não a exprimir. E de resto tudo é equivalente: escrever *Os Possessos* ou tomar um café com leite. Camus não exige do leitor, portanto, essa solicitude atenta que exigem os escritores que “sacrificam a vida à sua arte”. *O Estrangeiro* é uma folha da sua vida. E como a vida mais absurda deve ser a vida mais estéril, o seu romance pretende ser duma esterilidade magnífica. A arte é uma generosidade inútil. (SARTRE, 1968, p. 93).

Neste sentido, para Sartre, há tanto em *O Estrangeiro* quanto em *O Mito de Sísifo* certo desvelo da contingência a partir da sucessão de acasos que se apresentam no mundo, apresentados nas duas obras. A razão busca inutilmente unir os acasos para dar um sentido, uma teleologia, que tende sempre ao fracasso. Mas por mais que a racionalidade busque a sua necessidade, os limites da razão nos permite ter apenas acesso aos fatos contingentes, ao acaso. Mesmo o amor ou outro sentimento qualquer é demonstrado nas obras não como algo contínuo e necessário. A necessidade, de certa forma, é forjada pela razão em busca de uma unidade e uma continuidade que seja apaziguadora para o espírito, o que levaria a uma necessidade que no futuro poderia ser provada. Entretanto, como podemos perceber em *Meursault*, para Camus o que interessa é a afirmação do presente. Neste horizonte, escreve Sartre sobre *Meursault*:

Não pertence ele totalmente ao presente, aos estados de ânimo presentes? O que se chama um sentimento não é senão a unidade abstrata e a significação de impressões descontínuas. Não penso sempre naqueles que amo, mas afirmo que o amo mesmo quando não penso nele – e seria capaz de comprometer a minha tranquilidade por um sentimento abstrato, na ausência de qualquer emoção real e instantânea. *Meursault* pensa e atua

de maneira diferente: não quer conhecer esses grandes sentimentos contínuos e semelhantes; para ele, não existe o amor, nem tão pouco os amores. Só conta o presente, o concreto. (SARTRE, 1968, p. 95).

Nesta perspectiva, Meursault é uma personagem que não tem ressentimentos com o passado e nem uma preocupação com o futuro. O presente é a medida da sua vida, demonstrando certa indiferença para com perspectivas que vão além da sua vida presente, inclusive com relação à demonstração dos seus sentimentos. Meursault vive uma felicidade cotidiana indiferente às grandes questões e não pensa na sua própria morte durante quase todo o romance. Para Sartre, Meursault possui uma opacidade:

Sem dúvida, o caráter, uma vez esboçado, concluiu-se por si mesmo; a personagem tinha indubitavelmente um peso próprio. O certo é que o seu absurdo não nos parece conquistado, mas dado: é assim, eis tudo! Terá a sua iluminação na última página, mas viveu sempre segundo as normas de Camus. Se houvesse uma graça do absurdo, teria de se dizer que ele possui essa graça. Não parece que pense nalgum dos problemas que se agiram em *O Mito de Sísifo*; tão pouco se vê que se tenha revoltado antes de ser condenado à morte. Era feliz, deixava-se levar, e a sua felicidade não parece ter conhecido sequer essa mordedura secreta que Camus assinala em várias ocasiões do seu ensaio e que provém da presença ofuscante da morte. Mesmo a sua indiferença assemelha-se muitas vezes à indolência, como nesse domingo em que fica em casa simplesmente por preguiça e em que confessa que “se aborreceu um pouco”. Assim, mesmo para um olhar absurdo, a personagem conserva uma opacidade própria. (SARTRE, 1968, p. 96).

A falta de ordem racional única para o mundo, que é regido pelo acaso, demonstra um desequilíbrio entre a razão lúcida do homem absurdo e a falta de ordem natural do mundo, no qual Camus demonstra a partir da sua obra romanesca e ensaística, ressaltando a *noção* e o *sentimento* do absurdo. “Poderia dizer que *O Mito de Sísifo* pretende dar-nos essa *noção* e que *O Estrangeiro* quer inspirar-nos o *sentimento*.”. (SARTRE, 1968, p. 97). Desse modo, a *noção* e o *sentimento* do absurdo na análise sartreana se mostram nas duas obras como um divórcio entre o homem e a natureza: “Ora, o absurdo é o divórcio, o

desajustamento. *O Estrangeiro* será, pois, um romance do desajustamento, do divórcio, da inaptidão”. Ou seja, segundo Sartre, estas obras demonstram a falta de um laço que une o homem e a natureza, ou melhor, um laço que una a consciência humana e o mundo concreto em uma ordem de significado que seja completamente clara e racional que possa ser apreendida pela razão. Neste horizonte, segue a análise de Sartre sobre Meursault:

Pretende-se que o leitor, tendo sido primeiro posto em presença da realidade pura, a torne a encontrar, sem a reconhecer, na sua transposição racional. Daí nascerá o sentimento do absurdo, isto é, da impotência em que estamos de *pensar* com os nossos conceitos, com as nossas palavras, os acontecimentos do mundo. Meursault enterra a mãe, arranja uma amante, comete um crime. Estes fatos diferentes serão relatados no julgamento pelas testemunhas, e serão agrupados e explicados pelo advogado de acusação: Meursault terá a impressão de que se fala doutra pessoa. Tudo está construído para produzir de repente a explosão de Marie, que, tendo feito na barra das testemunhas um relato composto segundo as regras humanas, rebentou em soluços e diz “que não era isso, que havia outra coisa, que a obrigavam a dizer o contrário do que pensava”. Estes jogos de espelho são utilizados corretamente desde *Os Moedeiros Falsos*. Não está nisso a originalidade de Camus. (SARTRE, 1968, p. 97).

Com efeito, podemos dizer que para Sartre, Camus em *O Estrangeiro* desvela a impotência da racionalidade a partir da sensibilidade. Nesta perspectiva, há uma relação intrínseca entre o sentimento do absurdo e a impotência da racionalidade. É através da sensibilidade que em um primeiro momento o absurdo é sentido e em um segundo momento é que a racionalidade apreende a absurdidade. A falta de um sentido claro na natureza que possa ser plenamente compreensível para nós demonstra um cenário avesso e sem transcendência que Camus em *O Estrangeiro* de certa forma ilustra a partir da vida de Meursault. Para isto, utiliza-se de uma técnica que Sartre busca desvelar na continuação de sua análise entre o romance e o ensaio:

Que técnica é essa? Tinham-me dito: “É Kafka escrito por Hemingway”. Confesso não ter encontrado Kafka. As considerações de Camus são todas terrestres. Kafka é o romancista da transcendência impossível: o universo está para

ele carregado de sinais que não compreendemos; há um avesso do cenário. Para Camus, o drama humano é, pelo contrário, a ausência total de transcendência. (SARTRE, 1968: 98-99).

Sartre também analisa *O Estrangeiro* a partir da técnica do neorrealismo americano, comentando a escrita do romance de Camus à luz da escrita de Hemingway, fazendo um paralelo entre os estilos da escrita:

A comparação com Hemingway parece mais proveitosa. O parentesco dos dois estilos é evidente. Em ambos os textos aparecem as mesmas frases curtas: cada uma delas se recusa a aproveitar o impulso adquirido pelas precedentes, cada uma é um recomeço. Cada uma é um apontamento dum gesto, dum objeto. A cada novo gesto, a cada novo objeto, corresponde uma frase nova. Todavia, não fico satisfeito: a existência duma técnica de narração “americana” foi, sem dúvida alguma, útil a Camus. Mas duvido que o tenha influenciado, no verdadeiro sentido da palavra. (SARTRE, 1968, p. 99-100).

Entretanto, para Sartre, “Camus tem um estilo diferente, um estilo de cerimônia”. (SARTRE, 1968, p. 100). Neste sentido, diz Sartre:

Se *O Estrangeiro* tem aspectos tão visíveis da técnica americana, é porque se trata duma utilização voluntária. Camus escolheu, entre os instrumentos que se lhe ofereciam, o que lhe parecia mais conveniente para o seu intento. Duvido que o utilize nas suas próximas obras. (SARTRE, 1968, p. 100).

Na análise de Sartre, a técnica americana é utilizada por Camus em *O Estrangeiro* para fomentar a sua noção de presente que está inserida no romance em seu procedimento analítico:

Ora, é este procedimento analítico que explica a utilização da técnica americana em *O Estrangeiro*. A presença da morte no fim do nosso caminho dissipou em fumo o nosso porvir; a nossa vida “não tem amanhã”, é uma sucessão de presentes. Que quer isto dizer, senão que o homem absurdo aplica ao tempo o seu espírito de análise? Onde Bérson via uma organização

indecomponível, o homem absurdo vê apenas uma série de instantes. É a pluralidade dos instantes incomunicáveis que finalmente detectará a pluralidade dos seres. O que o nosso autor aproveita de Hemingway é, portanto, a descontinuidade das suas frases cortadas que se ajusta à descontinuidade do tempo. (SARTRE, 1968, p. 103).

Com efeito, o estilo de escrita do jovem romancista franco-argelino, para Sartre, certamente não é em vão, mas, pelo contrário, a partir da técnica de escrita americana Camus deixa em suas entrelinhas do romance a sua noção do tempo presente. A sua técnica fomenta sua ideia de afirmação do presente que também está em *O Mito de Sísifo*. O tempo presente, neste sentido, está em cada frase de *O Estrangeiro* na medida em que a técnica do neorrealismo americano empregada, segundo a análise de Sartre, dá também a noção de tempo que está na filosofia camusiana. Afirma Sartre:

Agora compreendemos melhor o estilo da sua narração: cada frase é um presente. Mas não é um presente indeciso que mancha e se alastra um pouco no presente seguinte. A frase é nítida, sem rebarbas, fechada em si mesma; está separada da frase seguinte por um vazio, como o instante de Descartes está separado do instante seguinte. Entre cada frase e a seguinte, o mundo aniquila-se e renasce: a palavra, desde o momento em que se eleva, é uma criação *exnihilo*; uma frase de *O Estrangeiro* é uma ilha. E nós caímos de cascata de frase em frase, de nada em nada. (SARTRE, 1968, p. 103).

Neste sentido, em *O Estrangeiro*, na medida em que “cada frase é uma ilha”, as frases se equivalem assim como todas as experiências do homem absurdo também se equivalem: “Todas as frases do seu livro são equivalentes, como são equivalentes todas as experiências do homem absurdo; cada uma apresenta-se por si mesma e deixa as outras no nada.”. (SARTRE, 1968, p. 105). Ou seja, para Sartre, como no neorrealismo americano, em *O Estrangeiro* as frases vistas isoladamente do todo parecem possuir a sua realidade própria, sobretudo as frases dos diálogos.

Os próprios diálogos estão interligados no relato: com efeito, o diálogo é o momento da explicação, da significação; dar-lhe um lugar privilegiado seria admitir que as significações existem.

Camus aplaina-o, resume-o, reprodu-lo com frequência no estilo indireto, nega-lhe qualquer privilégio tipográfico, de modo que as frases pronunciadas aparecem como acontecimentos semelhantes aos outros, brilham durante um momento e desaparecem, como um relâmpago de calor, como um som, como um aroma. (SARTRE, 1968: 106).

Assim, na análise sartreana, aparentemente *O Estrangeiro* possui uma desordem, como se as frases pudessem desligar-se umas das outras. “Mas, pouco a pouco, a obra organiza-se por si só diante dos olhos do leitor e revela a sólida infraestrutura que a suporta. Nenhum pormenor é inútil, todos são retomados mais adiante e lançadas na contenda”. (SARTRE, 1968, p. 106). *O Estrangeiro* é um romance em que todos os detalhes que parecem em vão mostram na verdade um sentido em sua totalidade, os pormenores possuem o seu peso diante do todo: “*O Estrangeiro* é uma obra clássica, uma obra de ordem, composta a propósito do absurdo e contra o absurdo. É inteiramente o que desejava o autor? Não sei; dou apenas uma opinião de leitor.” (SARTRE, 1968: 106). Em *O Estrangeiro*, o que parece desligado, na conjuntura do todo, ganha unidade através da arte literária, mostrando a criação do romance absurdo como uma negação do absurdo.

Para Sartre, *O Estrangeiro* não poderia ser considerado uma narrativa, pois “a narrativa explica e coordena ao mesmo tempo que expõe, substitui o encadeamento cronológico pela ordem casual. Camus chama-lhe ‘romance’”. (SARTRE, 1968, p. 106). Entretanto, o romance desencadeia-se em uma continuidade temporal, que para Sartre é demonstrado na sequência do romance como a “presença manifesta da irreversibilidade do tempo. Eu hesitaria em dar-lhe esse nome a essa sucessão de presentes inertes que deixa entrever a economia mecânica de uma peça montada” (SARTRE, 1968, p. 107). Isto é o que “dá o tom” do tempo presente no romance, que Sartre termina por comparar a um “romance moralista, discretamente satírico e com retratos irônicos, que, apesar da influência dos existencialistas alemães e dos romancistas americanos, permanece muito próximo, no fundo, dum conto de Voltaire”. (SARTRE, 1968, p. 107). Ou seja, Sartre coloca o então jovem franco-argelino não só em comparação com os grandes “moralistas” franceses do século 17, mas também entre os existencialistas alemães, os grandes romancistas americanos e Voltaire, o que, de certa forma, insere Camus em uma tradição de grandes escritores desde a sua juventude, já prevendo o seu futuro promissor como escritor.

Em suma, podemos observar a partir da análise de Sartre de *O Estrangeiro* que a filosofia camusiana desde a sua juventude busca por certo equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. O romance ressalta os aspectos sensíveis que o ensaio não poderia dar conta. Camus, desta forma, assim como Sartre, insere-se em uma tradição de escritores que fazem filosofia a partir de múltiplas perspectivas de escrita, como, por exemplo, a escrita jornalística e dramatúrgica, que não foi tematizada neste texto, mas que também se inclui no processo de criação filosófica. Podemos enfatizar também que *O Estrangeiro* possui a peculiaridade de ter sido escrito no Mediterrâneo, fora do eixo europeu, abordando de forma muito particular temas que perpassam a história da filosofia, mas que estão demonstrados com Camus a partir de uma filosofia vista de outras perspectivas, como demonstrou Sartre. Neste sentido, o título do romance já desvela uma diferença que Sartre percebe em Camus já desde a sua juventude e que terá uma continuidade em suas obras de maturidade. Mesmo fazendo uma comparação entre Camus e autores europeus tanto da Literatura quanto da Filosofia, Sartre coloca Camus em uma dimensão diferente dos demais a partir de sua mediterraneidade africana. Em outras palavras, notamos que, ainda que influenciado pelo pensamento europeu, para Sartre, Camus se mantém estrangeiro com relação ao seu pensamento tanto na técnica quanto em seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. São Paulo: Conac Naify, 2005. ISBN 85-7503-418-9

ARONSON, Ronald. **CAMUS E SARTRE: O polêmico fim de uma amizade no pós-guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. ISBN 978-85-209-2035-0